



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-PICOS-PI**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**RANYELLY FONTES DA LUZ LEMOS**

**A INFLUENCIA DA ESCRITA DA INTERNET NA ESCRITA ESCOLAR**

**PICOS**  
**2021**

RANYELLY FONTES DA LUZ LEMOS

**A INFLUENCIA DA ESCRITA DA INTERNET NA ESCRITA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Aucélia Vieira Ramos

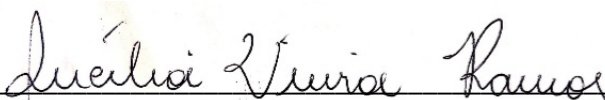
PICOS  
2021

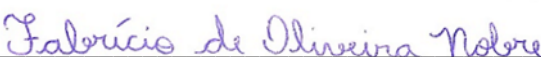
RANYELLY FONTES DA LUZ LEMOS


**A INFLUENCIA DA ESCRITA DA INTERNET NA ESCRITA ESCOLAR**

Aprovado em 21 de julho de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Aucélia Vieira Ramos (Presidente Orientadora)  
Universidade Federal do Piauí- UFPI

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Esp. Fabrício de Oliveira Nobre (IFSP)  
Primeiro Avaliador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Esp. André Araújo do Nascimento (SEDUC - CE)  
Segundo Avaliador

## **RESUMO**

Este trabalho tem o intuito de analisar se o internetês pode influenciar na escrita escolar de alunos adolescentes. Dessa forma, busca-se averiguar se esses alunos sabem diferenciar a escrita digital da escrita escolar e identificar traços do internetês nas produções textuais. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativa e análise das produções textuais escrita pelos alunos do 1º ano do ensino médio, em uma escola estadual do município de Geminiano – PI. De acordo com os dados obtidos e posterior análise, o resultado dessa pesquisa indica que a hipótese de que o internetês influencia na escrita escolar dos alunos não se confirmou, pois apesar de algumas (poucas) marcas de oralidade presente nos textos, concluímos que esses adolescentes sabem adequar a escrita ao seu contexto de uso.

Palavras chave: Escrita digital; Internetês; Variação da língua; Escrita padrão.

## **INTRODUÇÃO**



A internet tem ganhado grandes proporções dentro da sociedade, se tornando um recurso cada vez mais indispensável na vida das pessoas, seja no âmbito pessoal, profissional ou acadêmico. O avanço tecnológico possibilitou às pessoas, principalmente aos jovens, uma comunicação mais rápida e fácil através do computador e posteriormente do celular e tablet, facilitando assim o acesso à internet e suas ferramentas a qualquer hora e em qualquer lugar.

O ambiente tecnológico acarreta, além das várias possibilidades de melhorias e agilidade para a vida cotidiana, certo grau de liberdade na escrita, pois o que se escreve não será corrigido pelo amigo ou por quem receber sua mensagem, mas é apenas um entretenimento, por isso encontram-se abreviações de palavras e até união de letras que se aproximam a ideia e já ocorre a comunicação.

O crescente número de pessoas com acesso à internet fez com que as redes sociais se expandissem e ganhassem espaço na sociedade pela sua facilidade e dinamicidade. Estes gêneros textuais virtuais, possuem uma linguagem específica que foge da linguagem padrão ensinada nas escolas e que funciona como uma espécie de código compartilhado entre os usuários. Essa linguagem recebeu o nome de internetês e está cada vez mais presente na vida das pessoas, principalmente dos adolescentes.

Isso tem acarretado questionamentos por parte dos profissionais da educação, pois há receio de que os adolescentes não tenham maturidade suficiente para diferenciar a linguagem que é utilizada nas redes sociais da linguagem padrão ensinada nas escolas.

Ao refletir sobre esse assunto, levantaram-se questionamentos que serviram de base para este trabalho: a) o meio digital pode influenciar na escrita escolar dos adolescentes? b) esses adolescentes sabem diferenciar a escrita que é utilizada no meio digital da escrita escolar? Diante disso, o objetivo geral deste trabalho visa analisar se o internetês pode influenciar a escrita escolar dos alunos do 1º ano do ensino médio. E como objetivos específicos, verificar se há traços do internetês nas produções textuais e conseqüentemente se esses alunos sabem diferenciar a escrita digital da escrita escolar.

A metodologia aplicada nessa pesquisa consiste em dois eixos básicos: um bibliográfico, por meio do qual se construíram as bases teóricas, e outro de

campo, pelo qual foram coletados os dados da pesquisa. Assim, foi aplicada uma atividade de produção textual, do gênero relato pessoal aos alunos do 1º ano do ensino médio, para que pudesse ser feita a análise qualitativa, descritiva, que analisa as respostas e explica-as, para melhor entendimento do contexto que está sendo pesquisado.

Como base teórica, nos respaldamos nos estudos de Komessu; Tenani (2009), Bagno (2007), Silva (2010), Marcuschi (2006) entre outros.

### **LINGUA PADRÃO E NÃO-PADRÃO: uso na escrita**

As questões envolvendo a língua padrão e a língua não-padrão existem em longo prazo. O modo padrão que é ensinado nas escolas, que é encontrado nos livros de literatura e que a sociedade impõe como sendo a única forma correta de falar e de escrever, tornou-se alvo de muitos estudiosos da língua do ramo da sociolinguística e de outras correntes que tem o intuito de desmistificar essa prática, mostrando que a Língua não-padrão com suas variações também são válidas e merecem atenção, como esclarece Alkmim (2003, p. 40):

A variedade padrão de uma comunidade – também chamada norma culta, ou língua culta – não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam como podem ou são capazes. O que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo ‘correto’ de falar. Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos lingüísticos dos grupos socialmente dominantes. Em nossas sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade lingüística falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante.

O que compreendemos é que não existe uma única forma correta da língua, mas diferentes formas que são determinadas pelo contexto ou situação em que o falante está inserido. A escola é o lugar onde mais se percebe o ensino e a intensificação acerca do uso da língua padrão ou língua culta, nas correções de textos, na exigência de textos bem escritos. Na maioria das vezes, a utilização dessas duas formas da língua, causa confusão na cabeça

dos alunos, pois na maior parte do tempo, eles estão em contato com a forma não-padrão da língua e ao adentrarem à escola, são repreendidos e levados a achar que existe uma forma correta para se falar e escrever e que tudo o que fugir da norma padrão é errado. É sobre essa afirmativa que os sociolinguistas trabalham, tentando fazer com que os professores ao ensinar a língua, possam apresentar aos alunos as variações existentes nela e, sobretudo, o contexto específico em que cada uma se enquadra.

A variação da língua tendendo mais para o uso da linguagem não-padrão é mais contundente na fala, pois há menos rigidez, dependendo do seu lugar de fala, devendo ser observada a sua adequação ou não ao contexto. Tirando essas situações, o falante é livre para se expressar, desde que seu discurso seja claro para seu interlocutor.

### **INTERNETÊS X ESCRITA PADRÃO**

Segundo Bagno (1999, p.117) “a língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação”. A língua se transforma com o passar do tempo, essa transformação está interligada ao contexto histórico, social e cultura em que a sociedade está inserida. O avanço da tecnologia e da internet, bem como o aumento significativo de pessoas adeptas aos meios de comunicação digital, acarretaram no surgimento de uma nova linguagem, um novo modo de se comunicar através da escrita.

O internetês possui características e regras próprias compartilhadas entre os usuários da internet. As abreviações, supressão de consoantes e vogais e a oralidade estão entre as principais características dessa escrita. De acordo com Silva (2010, p. 57) “nessa linguagem, geralmente não há distinção entre fala/escrita, uma vez que ela representa uma escrita oralizada. Na internet, o sujeito escreve como fala”.

Essa escrita informal recebe muitas críticas daqueles que acreditam que o internetês possa comprometer a escrita do português padrão, pois culturalmente nos foi imposto que existe uma forma correta de falar e escrever e tudo que foge dela é tida como “erro”, assim como afirma KOMESU; TENANI (2009)

A imagem de degradação da escrita e, por extensão, a da língua, pelo uso da tecnologia digital, advém do pressuposto de que haveria uma modalidade escrita pura, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados; enfim, um tipo de escrita sem “influências” ou “interferências” da fala, que deveria ser seguido por todos em quaisquer circunstâncias.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

O presente trabalho, busca saber se há influência do internetes na escrita escolar dos alunos. Essa pesquisa se caracteriza como pesquisa de campo e bibliográfica de cunho qualitativa. De acordo com Prodanov; Freitas (2013, p. 70):

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

A pesquisa foi realizada em uma turma do primeiro ano do ensino médio, a escolha se deu pelo fato de esses alunos estarem em contato com os meios digitais e possuírem uma noção de escrita já desenvolvida e também por estarem em uma série de transição entre o ensino fundamental II e médio, onde já começam a se preparar para o vestibular e as produções textuais são cobradas com mais rigor.

O objeto de análise dessa pesquisa é a produção textual do gênero relato pessoal. Dentre a gama de variedades que se pode encontrar entre os gêneros, encontra-se o Relato pessoal que traz à tona história e vivência das pessoas, no intuito de informar e relatar sobre sua vida.

O gênero relato pessoal agrega em sua composição constitucional, características favoráveis à construção de situações comunicativas, capazes de comover e convencer o leitor sobre determinadas experiências vividas. Tais experiências podem apresentar variantes sociohistóricas relevantes e associáveis ao cotidiano dos espectadores, promovendo mudanças significativas dentro de contextos semelhantes aos que se inserem os autores dos enunciados. (ARAGÃO, 2016 p. 13)

O relato pessoal pode apresentar-se de maneira oral ou escrita. Isso caracteriza o tipo de linguagem contida no relato. O relato oral possui uma linguagem informal, já o relato escrito, assim como qualquer atividade de produção textual, deve obedecer às regras da escrita padrão.

Diante disso, o objeto de análise da nossa pesquisa é o relato pessoal escrito. À princípio, foi apresentado aos alunos um tutorial para a produção do relato, tendo uma breve introdução sobre o que é o relato pessoal, suas características e estrutura. Dando sequência, uma proposta de produção do relato, cujo tema é “Os efeitos da pandemia em minha vida escolar” foi apresentada aos alunos. Juntamente com o tutorial para a produção do relato, foi disponibilizado nas plataformas midiáticas em que os alunos têm acesso, links de sites e vídeos para consultas.

Após recolhidos, os textos foram lidos e analisados com a finalidade de identificar traços do internetês na escrita desses alunos.

## COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para essa pesquisa foram analisadas treze produções textuais. Descreveremos a seguir os dados obtidos:

- Repetição de palavras:

**TEXTO 1:** [...] vamos conseguir sair dessa é **logo, logo** estarmos juntos.

**TEXTO 2:** A minha vida escolar **foi** muito afetada, **foi** iniciando o ensino remoto, essa mudança drástica na minha rotina escolar **foi** muito ruim para mim [...]

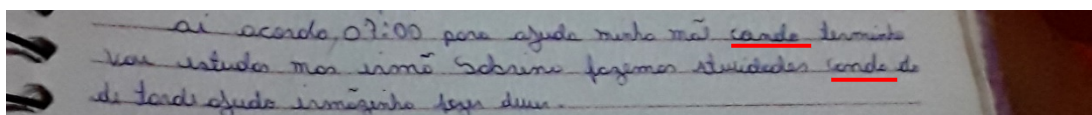
**TEXTO 3:** [...] peguei a moto aprendi **andar** e tive coragem de **anda** mas irmã Sabrina tirei o medo de **andar** mas ela [...]

**TEXTO 4:** [...] o que mudou na **minha rotina** foi **quase tudo**, porque **quase tudo** que eu fazia na **minha rotina** era fora de casa.

**TEXTO 5:** [...] eu acordo e **vou** assistir aula no celular **depois** quando termino **vou** ajudar minha mãe nas tarefas de casa **depois vou** almoçar e **vou** fazer meus trabalhos.

**TEXTO 6:** **Realmente** é muito **difícil** ter algum avanço de aprendizagem com essas atividades online, que **realmente** é **difícil** manter concentração pelo celular ou computador [...]

- Troca de consoantes:

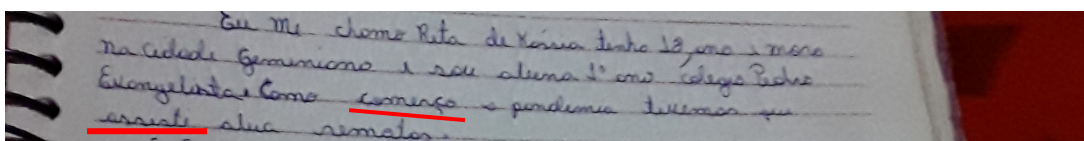


Texto 3

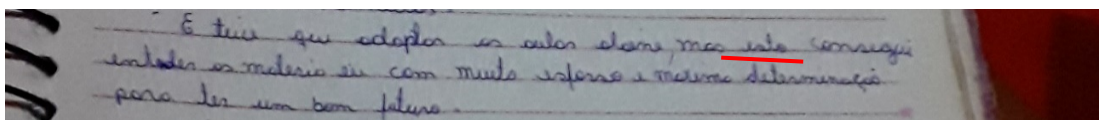
No trecho acima, observamos a ocorrência da troca da consoante “q” e da vogal “u” pela consoante “c”.

- Omissão das vogais e apagamento da consoante final **r**

No trecho abaixo, verificamos a omissão da vogal final **u** na palavra **começo** (u) (fragmento 1) e **esto** (u) (fragmento 2), e da consoante final **-r** no verbo **assistir** (fragmento 1)

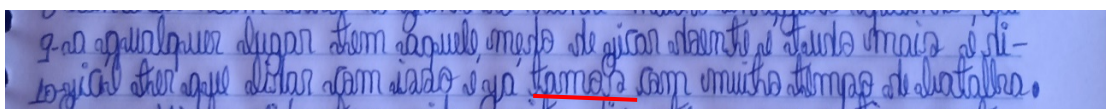


Texto 3 – fragmento 1



Texto 3 – fragmento 2

- Abreviação de palavra



Texto 1

No trecho acima, percebemos a diminuição da palavra “estamos”, grafada no texto como “**tamos**”.

## DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

De acordo com os dados obtidos e descritos acima, percebemos que a oralidade está presente em quase todos os textos. Marca de oralidade nada mais é do que traços da língua falada na escrita, ou seja, é escrever da mesma forma que se fala, característica marcante na escrita da internet.

A repetição foi a marca de oralidade encontrada com mais frequência nos textos. Isso acontece, segundo (Marcuschi, 2006, p. 219) porque “na fala, em que nada se apaga, a repetição faz parte do processo formulativo. Sua presença na superfície do texto falado é alta.” Assim, o aluno ao escrever o

texto leva essa marca, visivelmente da fala, para a escrita. A repetição “é uma estratégia de composição do texto e condução do tópico discursivo.” (Marcuschi, 2006, p. 220)

Em apenas um dos textos foi encontrado a troca de consoante. Foi observado a troca da consoante “q” e da vogal “u” pela consoante “c” na palavra “cando.” Esse desvio ortográfico, é defendido por Bagno (2007, p. 126) como “tentativa de acerto”, já que essa troca acontece “empregando como ferramenta básica a analogia”; ocorre geralmente com indivíduos que possuem pouca habilidade na prática da leitura e escrita.

Outro ponto verificado no texto foi a supressão de vogal e consoante finais. Como é o caso das palavras “começo” (u), “esto” (u) e “consegui” (r). Esse apagamento de vogais e consoantes ocorre devido a presença da oralidade nos textos. Torres; Oliveira (2015, p. 203) relaciona o apagamento do -r final com o processo de aquisição da escrita, pois segundo elas “os alunos, principalmente aqueles iniciantes, ainda estão se familiarizando com as convenções ortográficas e acham que a escrita é uma mera transcrição da fala.”

Por fim, em um dos textos analisados encontramos a abreviação da palavra “estamos”, grafada no texto como “tamos”. Esse tipo de abreviação é muito comum na comunicação virtual, de acordo com Fruet et al. (2008, p. 103 apud Alves, 2014, p. 6)

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual.

Ao nos depararmos com esses resultados, foi questionado a professora de língua portuguesa se, em outras atividades, ela já havia presenciado algum traço do internetês e segundo ela, as marcas de oralidade são comuns na escrita de alguns alunos, mas não é nada que possa comprometer a estrutura formal do texto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta inicial dessa pesquisa foi de verificar se o internetês influencia na escrita escolar. De acordo com os dados obtidos, constatamos que, apesar da incidência de algumas marcas de oralidade nos textos, esses traços não podem apontar uma possível influência do internetês, pois é comum que a oralidade esteja presente, em maior ou menor quantidade, nos textos escolares de adolescentes, tendo em vista que o domínio da escrita ainda está em desenvolvimento. Apesar desses deslizes foi possível observar também, que os alunos se policiam na hora de escrever textos que requerem uma certa formalidade, assim, podemos afirmar que, eles sabem adequar a escrita ao seu contexto de uso.

Diante dos resultados dessa pesquisa, concluímos que o internetês não interfere na escrita formal dos adolescentes, visto que eles compreendem as várias possibilidades da língua e os diferentes contextos de uso.

## **REFERÊNCIAS**



ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; ENES, A. C. (Org.). Introdução à linguística; domínios e fronteiras. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 21-47. v. 1.

BAGNO, M. Preconceitos linguísticos: o que é, como se faz. 48 e 49. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

SILVA, Danieli de Godoy da. A linguagem da internet na escrita escolar de alunos adolescentes – um estudo de caso. Dissertação de mestrado. Pelotas, 2010.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. O internetês na escola. São Paulo: Cortez, 2015. (Coleção trabalhando com... na escola)

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ARAGÃO, Andreia Doria. Produzindo textos a partir do gênero relato pessoal. Dissertação de mestrado. Sergipe, 2016.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2006.

TORRES, Paula Freitas de Jesus; OLIVEIRA, Josane Moreira. Apagamento do -r no final de vocábulo em produções escolares na cidade de feira de Santana – BA. In: Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 01 – Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xix\\_cnlf/cnlf/07/017.pdf](http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/07/017.pdf)

ALVES, Teresa Cristina. O internetes e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão sociolinguística. In: XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística Y Filología de América Latina. João Pessoa: ALFAL, 2014. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1166-2.pdf>